



# Shirin

## ABBAS KIAROSTAMI

UM FILME DE ABBAS KIAROSTAMI INSPIRADO EM «KHOSROW E SHIRIN» DE FARRIDEH GOLBOU ARGUMENTO MOHAMMAD RAHMANIAN  
COM JULIETTE BINOCHE, NIKI KARIMI, GOLSHIFTEH FARAHANI, ANNAZ AFSHAR, TARANEH ALIDOOSTI DIRETOR DE FOTOGRAFIA  
MAHMOUD KALARI, HOUMAN BEHMANESH ASSISTENTE DE IMAGEM KOUHYAR KALARI, NIMA DABIRZADEH, ROOZBEH RAIGA  
FOTOGRAFIA GELAREH KIAZAND MONTAGEM ABBAS KIAROSTAMI, ARASH SADEGHI I.N. SOM M. REZA DELPAK MÚSICA HESHMAT  
SANJARI, MORTEZA HANANEH, HOSSEIN DEHLAVI, SAMIN BAGHCHERBAN REALIZADO E PRODUZIDO POR ABBAS KIAROSTAMI



FESTIVAL DE VENEZA | SELECÇÃO OFICIAL

DISTRIBUIÇÃO MIDAS FILMES | [www.midas-filmes.pt](http://www.midas-filmes.pt)



DURANTE 90 MINUTOS, UMA CENTENA DE ACTRIZES  
ASSISTE NUM CINEMA A UMA DAS MAIS BELAS  
HISTÓRIAS DE AMOR.

AS SUAS EMOÇÕES SÃO AS EMOÇÕES DO ESPECTADOR  
DO FILME, QUE É UMA EXPERIÊNCIA DO SUBLIME.

# Shirin

## ABBAS KIAROSTAMI

Cento e catorze atrizes iranianas e uma atriz francesa: espectadoras mudas da representação teatral Khosrow e Shirin, um poema persa do século XII, encenado por Kiarostami. O desenvolvimento do texto – que sempre apaixonou os espectadores na Pérsia e no Médio Oriente – permanece invisível para o espectador do filme. Toda a história é contada pelos rostos intensos e belos das mulheres que assistem ao espectáculo. Um mapa de ricas e pungentes emoções. É um trabalho “fora de campo” levado ao limite.

Um de filme de ABBAS KIAROSTAMI

Inspirado em “KHOSROW E SHIRIN” DE FARRIDEH GOLBOU

Argumento MOHAMMAD RAHMANIAN

Com Juliette BINOCHÉ, NIKI KARIMI, GOLSHIFTEH FARAHANI, MAHNAZ AFSHAR, TARANEH ALIDOOSTI

Director de Fotografia MAHMOUD KALARI - HOUMAN BEHMANESH

Assistente de Imagem KOUHYAR KALARI – NIMA DABIRZADEH – ROOZBEH RAIGA

Fotografia GELAREH KIAZAND

Montagem ABBAS KIAROSTAMI – ARASH SADEGHI I.N.

Som M. REZA DELPAK

Música HESHMAT SANJARI – MORTEZA HANANEH – HOSSEIN DEHLAVI – SAMIN BAGHCHEHBAN

Realizado e produzido por ABBAS KIAROSTAMI

Distribuição MIDAS FILMES

IRÃO – 2008 – 92'



# Shirin

## ABBAS KIAROSTAMI

### ERA UMA VEZ...

por Jean-Michel Frodon

*“Numa sala de espectáculos, a arte sai dos espectadores”* Henri Langlois

Era uma vez uma princesa. Tão bela, tão livre, tão disposta a seguir o seu desejo. Foi amada por um rei, Khosrow, et um trabalhador, Farhad. Amou um e outro. Foi infeliz e sincera, livre e destroçada. Chamava-se Shirin, a sua história é inspirada em personagens reais – o rei Khosrow II Parwiz (590-628) e a rainha da Arménia que deu nome a uma cidade hoje entre o Irão e o Iraque, Qasr-eChirin. Os amores de Shirin foram cantados pelo grade poema épico persa O Livro dos Reis, e depois, no século XII, o poeta Nezâmi dedicou à história sensual e trágica a sua obra Khosrow e Shirin, tornando-a tão célebre no Irão como na Europa o são Romeu e Julieta e Tristão e Isolda.

Era uma vez um artista de cinema. Explorou até aos confins a sua arte. E, no início da sua carreira, Abbas Kiarostami definia-se como artista e pedagogo e por isso descobriu muito cedo que a arte do cinema podia ajudar a compreender melhor o mundo e a fazê-lo compreender melhor. Realizou curtas-metragens que mostram práticas do quotidiano (Duas Soluções para um problema, Com ou sem ordem), e foi, enquanto cineasta, testemunha precisa da Revolução iraniana, como nenhuma outra revolução terá cronista, foi testemunha e analista (Caso 1, Caso 2), estudou, sempre graças à realização, os sistemas de ensino (Trabalhos de Casa) e de justiça (Close-Up) ou os comportamentos cívicos (O Concidadão). Havia nestes trabalhos de pesquisa mais beleza e graça que em tantos filmes auto-proclamados obras de arte, e sobretudo esta beleza e esta elegância afiguravam-se como os meios necessários para cumprir a tarefa. Desde o início (O Pão e a Rua, a primeira curta-metragem, Traje de Casamento, a primeira média, à primeira longa-metragem, O Viajante), os filmes de ficção têm também esta marca desta forma de ver o mundo, sabendo filmá-lo com elegância.

Kiarostami afirma há muito tempo que nenhuma obra digna desse nome é dada terminada ao público, que assim seria reduzido ao estatuto único de consumidor, mas sim que só teria sentido se permanecesse aberta, para ser terminada por cada um. É no olhar e no coração dos espectadores que a obra fica terminada e que a sua tarefa é abrir apenas o mais possível o espaço em que cada um pode entrar. Não foi o primeiro a dizê-lo e a colocá-lo nas suas obras, mas são raros os que o tenham feito com tanta consistência e talento. Mas é o primeiro a empurrar esta lógica de inteligência na arte ao limite, filmando os espectadores para mostrar como os rostos e os corpos manifestam o que experimenta o espírito e os corações diante uma proposta artística. A primeira tradução concreta desta inversão foi o espectáculo Tazieh, em que Kiarostami filma em grande plano e mostra em grandes ecrãs os rostos (separados) de homens e mulheres que assistem, comovidos, a uma representação de uma peça religiosa que comemora todos os anos no Irão o massacre de Kerbala.



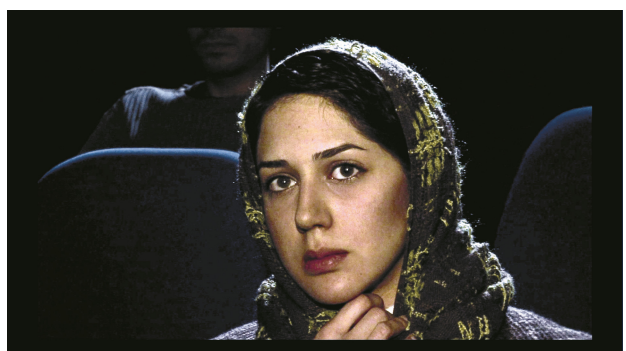
# Shirin

## ABBAS Kiarostami

Era uma vez um filme, Shirin. Para dizer a verdade, eram duas vezes o filme Shirin. Pois, Kiarostami com este nome realizou duas obras de cinema. Que uma seja apenas perceptível na banda-sonora não faz dela um exercício menor, pois de forma muito visual e simples conta a história de Shirin, mesmo só se formando estas imagens nos nossos espíritos. Como Shirin se apaixona pelo rei Khosrow depois de ter visto o seu retrato. Como ele a surpreende enquanto se banha. Os caminhos que os separam tanto tempo. Como Khosrow casa com outra e ela é amada e ama outro. As batalhas, as explosões, os receios, os momentos de felicidade e desespero. Este filme cujas imagens são inspiradas na nossa imaginação pelo som – a nós espectadores ocidentais que descobrimos a história e aos espectadores iranianos que a conhecem de cor – é “visto” pelos espectadores, que nós olhamos. E este é o segundo filme.

Tem o melhor casting com que um realizador pode sonhar: todas as grandes actrizes do seu país, quatro gerações estão presentes no ecrã. Entre elas, infiltrou-se uma grande actriz estrangeira, Juliette Binoche. Actrizes, vedetas, mulheres muito belas. Pois o filme de Kiarostami não se chama Khosrow e Shirin como o texto em que é inspirado, mas apenas Shirin. É a história dela, contada por ela, e é na luz reflectida nos rostos de todas aquelas mulheres, espectadoras, também algo da sua história. Elas, “estas irmãs” que invocam a heroína infeliz, e cujo destino toca tão profundamente as que olham e que nós vemos. Elas – as mulheres do Irão – e é claro, as mulheres em geral.

Que olham elas na verdade? De que fenómeno luminoso nos tornamos nós a refracção nestes rostos tão belos, tão diferentes, tão intensos? Não o saberemos. Não mais do que olhava Falconetti em A Paixão de Joana d’Arc ou Vivien Leigh nas escadas em E Tudo o Vento levou. Talvez os carris de um travelling. São actrizes.



# Shirin

## ABBAS KIAROSTAMI

*É BELO COMO A PAIXÃO DE JOANA D'ARC DE DREYER, E CONSTITUI-SE SOBRE O MESMO PRINCÍPIO,  
TODA A EMOÇÃO SE JOGA NOS ROSTOS.*

Manoel de Oliveira

No Irão deve-se baixar os olhos perante uma mulher. Em SHIRIN, Abbas Kiarostami põe-nos a olhar, durante hora e meia, para 114.

Em SHIRIN está o império do feminino – e um império dos sentidos. Durante cerca de hora e meia, os rostos – o olhar – de 114 mulheres, atrizes iranianas de várias gerações (uma europeia entre elas, Juliette Binoche), que observam o que se passará num palco: a representação de um poema persa do século XII, “A História de Khosrow e Shirin”, sobre os amores de uma princesa arménia pelo rei da Pérsia e sobre o triângulo de paixões que se forma quando Shirin conhece Farhad.

Elas (e este será um retrato de senhora multiplicado por 114) reagem, choram, riem – o que vêem está fora de campo para nós. E Kiarostami, voyeurista assumido, já que gosta de olhar para quem está a ver, observa-as. Nós estamos com ele. E imaginamos o que elas podem estar a imaginar. Ou seja, estamos numa caixa de ressonância onde a fantasia e a nossa memória de espectadores (e somos espectadores daquelas espectadoras...) estão a ser constantemente alimentadas, excitadas.

E sempre dentro e fora, mergulhados na emoção, subjugados perante 114 mulheres. **VASCO CÂMARA, PÚBLICO**

Homenagem absoluta ao rosto feminino: um fascinante exercício do cineasta iraniano.

O que interessa Kiarostami são unicamente as mulheres. Elas constituem um retrato composto de Shirin. Mas são ao mesmo tempo um manifesto político. Uma tal acumulação de rostos femininos tem qualquer coisa de subversivo num país tão patriarcal como o Irão. Mas o que mais nos interessa é o mistério destes olhares, que acabam por nos criar uma vertigem. Este filme tem algo de profundamente perturbador: estas mulheres não são apenas o retrato colectivo de uma história de amor, e por isso da mulher iraniana em todo o seu esplendor heróico, e erótico, mas o retrato também do espectador de cinema em geral.

O espectador é o realizador último do filme, são os seus olhos que o fazem existir. Sublime demonstração do cineasta iraniano. **VINCENT OSTRIA, LES INROCKUPTIBLES**

SHIRIN é uma ousada experiência no chamado “fora de campo”. Kiarostami foi buscar 114 atrizes iranianas de várias gerações, acrescentou-lhe Juliette Binoche e filmou-as durante 90 minutos a reagir à projecção da adaptação ao cinema de um famoso poema trágico persa do século XII. Tudo passa pelas expressões delas, porque só vemos os rostos destas mulheres. **EURICO DE BARROS, DIÁRIO DE NOTÍCIAS**

# Shirin

## ABBAS KIAROSTAMI

### ABBAS KIAROSTAMI

#### FILMOGRAFIA

- 1970 • O PÃO E A RUA
- 1972 • O RECREIO
- 1973 • A EXPERIÊNCIA
- 1974 • O VIAJANTE
- 1975 • DUAS SOLUÇÕES PARA UM PROBLEMA
  - EU TAMBÉM CONSIGO
- 1976 • AS CORES
  - TRAJE DE CASAMENTO
- 1977 • HOMENAGEM AOS PROFESSORES
  - A RELAÇÃO
  - O PALÁCIO DE JAHAN-NAMA
  - COMO PASSAR O TEMPO LIVRE
- 1978 • SOLUÇÃO NÚMERO UM
- 1979 • CASO 1, CASO 2
- 1980 • DOR DE DENTES
- 1981 • COM OU SEM ORDEM
- 1982 • O CORO
- 1983 • O CONCIDADÃO
- 1984 • MEDO E SUSPEITA
- 1985 • OS MELHORES ALUNOS
- 1987 • ONDE FICA A CASA DO MEU AMIGO?
- 1989 • TRABALHOS DE CASA
- 1990 • CLOSE-UP
- 1992 • E A VIDA CONTINUA
- 1994 • ATRAVÉS DAS OLIVEIRAS
- 1995 • JANTAR PARA UM
- 1997 • O NASCIMENTO DA LUZ
- 1997 • O SABOR DA CEREJA
- 1999 • O VENTO LEVAR-NOS-Á
- 2001 • ABC ÁFRICA
- 2002 • DEZ
- 2004 • FIVE
  - 10 ON TEM
- 2008 • SHIRIN
- 2010 • COPIE CONFORME